

COMÉRCIO

Na bela tarde de sábado vou assistir a um casamento na igreja de São Conrado. Os noivos escolheram bem; a igreja cabe exatamente todos os convidados, e o vento do mar, entrando pelas janelas abertas, abençoa a nós todos.

Na saída paro com um amigo em uma daquelas barracas armadas na subida das Canoas para tomar um caldo de cana. Há um mundo de coisas simples, coisas da roça que se vende ali: côco verde, milho assado e cozido, ~~cabos~~ de tucum, pastéis feitos na hora por uma negra muito limpinha, melancia, abacaxi, banana... Tenho até medo de escrever isso, medo de que algum espírito-de-porco da Prefeitura descubra alguma postura que proíba aqueles barracos. Não estão querendo acabar com as baianas, essas baianas que nunca fizeram mal a ninguém? O que ninguém parece ver é a sujeira dos cafés e restaurantes, as sentinas imundas junto das cozinhas; não há positivamente, cidade nenhuma do mundo civilizado em que seja permitida uma tal sujeira.

Os "comandos" passaram; voltamos a essa tradição de imundície que faz do comércio carioca, neste particular, a flor imunda de três raças sujas...

O prefeito Alim Pedro, ao mesmo tempo que defende e estimula o ingênuo e delicioso comércio das barracas ao ar livre, e as baianas que são uma das coisas pitorescas e boas do Rio, poderia marcar sua administração por uma cruzada rigorosa de higiene nessas casas de comércio. Não basta multar; é preciso obrigar a construir instalações decentes e mantê-las limpas. Diz-se que a culpa não é dos proprietários, é do público. Mas o público deve e pode ser educado. Em Paris muitos milhares de velhas ganham a vida zelando pela limpeza das instalações sanitárias dos cafés e bares, na base das gorjetas que recebem. Para instituir isso aqui seria preciso primeiro obrigar os comerciantes a fazer "toilettes" espaçosos; isso não se faz nem para construções novas. Continuamos a manter uma tradição de insuportável sujeira.

E desonestidade. Minha cozinheira conseguiu descobrir uma leiteria em Ipanema onde há um leite bom, que dá uma nata gorda. É um milagre. O leite da assinatura, da Comissão, está cada dia mais aguado; o de outras leiterias também. Todo mundo sente isso, vê isso, e ninguém toma qualquer providência. Mantenha com banha, sebo e não sei mais o quê, é vendida até em confeitarias de certo luxo. A população é envenenada e enganada cinicamente, da maneira mais tranqüila, como se isso fôsse uma coisa normal. O prefeito que agisse com energia — com violência mesmo — contra essa gente ficaria tão importante quanto Pereira Passos. Mas precisaria ser uma campanha em grande estilo, atacando ao mesmo tempo o comércio de toda a cidade, mobilizando a opinião pública; não "comandos" episódicos, mas uma guerra de verdade, guerra de extermínio a êsse excesso de sujeira física e moral de nosso comércio de alimentos; uma guerra impiedosa que fizesse com que não não fôsse mais negócio roubar, fôsse negócio ser limpo e decente.

Que o sr. Alim Pedro, um prefeito que está se portando realmente bem, trace seus planos de ação e meta os peitos. Haverá choro e ranger de dentes, o Brasil ficará à beira do abismo nos discursos inflamados de várias associações de varejistas, mas a coisa irá para a frente. E que as baianas fiquem em paz vendendo suas quitandas inocentes e gostosas.

30/1/55

R. B.

228